

## **A Catedral de Brasília como signo/linguagem sob a dominância do poético<sup>1</sup>**

**Luiz Gustavo Santos Holtz<sup>2</sup>**  
**Luciana Coutinho Pagliarini de Souza<sup>3</sup>**

**Resumo:** A interface entre comunicação e arquitetura é contemplada neste artigo: da arquitetura vem o objeto de estudo; da comunicação está o tratamento da arquitetura como linguagem produtora de significados. O objetivo que se delinea é o de apresentar, à luz da semiótica de Charles S. Peirce, a Catedral de Brasília como signo arquitetônico que traduz a simbologia do sagrado em sentidos impregnados de sugestão ou predominantemente icônicos. Busca-se, desta forma, provocar reflexões sobre o poder do ícone na construção de símbolos estéticos e contribuir com a concretização de um conhecimento interdisciplinar entre a arquitetura e a comunicação.

**Palavras-chave:** Semiótica. Arquitetura. Catedral de Brasília.

---

### **1 Introdução**

Neste artigo, apresentamos reflexões sobre a arquitetura concebidas sob a perspectiva de signo ou sistema de linguagem, à luz dos princípios da semiótica de Charles Sanders Peirce. Também utilizamos os estudos desenvolvidos por Lucia Santaella, que tratam da arquitetura sob esse mesmo prisma, o da linguagem. Por fim, a Catedral de Brasília concebida pelo arquiteto modernista brasileiro, Oscar Niemayer, será objeto de estudo desse artigo, ou seja, a partir dela, exporemos os conceitos que fundamentam nossas reflexões.

Sobre Niemayer, lembramos que ele é considerado um dos arquitetos modernistas mais importantes da história. Desenvolveu o chamado “modernismo orgânico” com referências às formas naturais do Brasil e ficou conhecido pelos prédios públicos de Brasília, além de projetos de destaque espalhados em diversos lugares do mundo.

Organizamos as seções deste artigo, apresentando, inicialmente, conceitos das categorias de Charles S. Peirce, fundantes de toda a teoria desse pensador para, depois, adentrarmos a gramática especulativa – primeiro ramo das divisões da semiótica – que será base para o entendimento da arquitetura como sistema de signos ou linguagem. Para

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho Imagens Midiáticas do XVI Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 26 setembro de 2021.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação e Cultura (Uniso), [luizgustavoholtz@gmail.com](mailto:luizgustavoholtz@gmail.com)

<sup>3</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (Uniso), [luciana.souza@prof.uniso.br](mailto:luciana.souza@prof.uniso.br).

tratar do estatuto do signo arquitetônico, nessa mesma seara, nos valem de Santaella (1996). A seguir, analisamos a catedral de Brasília como signo prevalentemente icônico, construtor de símbolos estéticos, poéticos.

## **2 As categorias peirceanas como cimento e guia**

Antes de apresentar o conceito de signo, as categorias que alicerçam todo o pensamento de Peirce abrem nossas reflexões: primeiridade, secundidade e terceiridade. A partir delas, as tríades vão fazendo sentido e a estrutura lógica vai ficando à mostra.

Na fenomenologia nascem as categorias, ou seja, as três maneiras possíveis de apreendemos quaisquer coisas que estão no mundo, os fenômenos: como qualidade, como existência ou como lei. É a partir da fenomenologia que se torna possível “ler o mundo como linguagem”, já que, segundo Santaella (1985, p. 41), ela descreve e analisa as experiências que estão em aberto para todo homem a qualquer momento, em qualquer lugar, “desde um cheiro, um ruído, um raio de luz, uma dor, uma lembrança, um desejo, um conceito [...]”. Enfim, “qualquer coisa que esteja de algum modo e em qualquer sentido presente à mente, seja ela externa, interna ou visceral, real ou não, constitui-se num fenômeno” (SANTAELLA, 1985, p. 41).

Tomando a arquitetura para essa experiência da linguagem, apresentamos as categorias de modo bastante pontual, de maneira a exemplificar a maneira como um transeunte pode apreender a fachada de uma obra arquitetônica. A primeira categoria (primeiridade) está relacionada à qualidade de sentimento. O exercício do primeiro olhar é desprezioso em relação à interpretação do conteúdo, ou seja, aparece de maneira absolutamente impensada e não reflexiva. Por exemplo, a sensação de monumentalidade de um edifício, do impacto, da imponência representada pelo volume do prédio ou o contrário, a leveza dada pela cor que o envolve, advém de um instante de contemplação, requerida nessa primeira categoria.

A segunda categoria, a secundidade, estabelece o olhar da ação e reação, dependência, determinação, dualidade, aqui e agora, conflito e surpresa. Esse estágio da fenomenologia é o exercício de identificar a que o objeto se refere ou representa. A constatação de se estar diante de uma obra arquitetônica, construída pelo homem e não

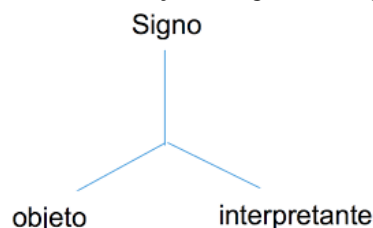
pela natureza, que faz parte do contexto urbano da cidade, é um exemplo desse estágio dentro do contexto com o qual trabalhamos.

O terceiro e último estágio é o do signo propriamente dito. É quando se dá o processo interpretativo que implica em crescimento, continuidade, mediação, semiose ou processo de produção de signos. Uma obra arquitetônica, quando passa a representar uma cultura, reveste-se de simbologia, ocupando, desta forma, a terceiridade. Estando inseridos no território do signo, as palavras do próprio Peirce para conceituá-lo são esclarecedoras:

[...] um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa seu objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do *representamen* (CP 2.228).

São três os componentes inerentes ao signo, representados no diagrama a seguir – signo, objeto e interpretante.

**Figura 1** – A definição de signo em diagrama



Fonte: Drigo e Souza (2013, p. 63).

E o que torna um objeto qualquer um signo? Trazendo para dentro deste conceito as marcas das categorias, para que qualquer coisa seja signo, é imprescindível que seja uma qualidade, um existente ou uma lei – são estes os três fundamentos do signo.

O objeto é o segundo elemento da tríade. Para Peirce, há um objeto no mundo real, fora do signo, que o signo busca representar (objeto dinâmico); e outro objeto, dentro do signo (objeto imediato), que é o modo como o objeto dinâmico foi resgatado pelo signo. Nesse ponto, importa lembrar que o signo é incompleto. O mesmo objeto pode ser

representado de maneiras diversas. O painel abaixo (Fig. 2) apresenta modos diferentes de representar o mesmo objeto: a Catedral de Brasília.

Figura 2 – Painel de representações da Catedral de Brasília



Fonte: Divulgação.

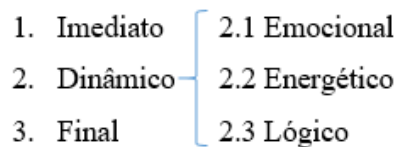
O signo nunca será a representação do objeto na sua totalidade, mas apenas parte dele, podendo sugeri-lo, indicá-lo ou, por intermédio de uma convenção, substituí-lo. Sobre cada um desses aspectos, voltaremos mais adiante, quando adentrarmos as classificações do signo.

O terceiro componente do signo é o interpretante. Drigo e Souza (2013, p. 23) esclarecem que

Por representar o objeto, o signo é sempre parcial, isto é, ele não abarca o objeto na sua totalidade, mas faz um recorte dele. Deste modo, ele tenta resgatar essa dívida com o objeto gerando interpretantes. O interpretante é, portanto, outra representação relativa ao mesmo objeto, ou ainda, o interpretante de um signo é outro signo. Esse signo/interpretante, por sua vez, gera como interpretante outro signo/interpretante e assim sucessivamente, infinitamente.

Os interpretantes, ou efeitos que o signo pode provocar em uma mente, classificam-se em imediato, dinâmico e final, cada um deles correspondendo, respectivamente, a uma categoria. O interpretante imediato guarda todas as possibilidades de interpretação de um signo. O interpretante dinâmico, o que efetivamente age numa mente por habitar a secundidade, novamente se subdivide. O diagrama abaixo ajuda a vislumbrar essas tríades.

**Figura 3** – Classificação dos interpretantes



Fonte: Diagrama baseado em Drigo e Souza (2013).

Expostos os conceitos que vão nos permitir inserir a arquitetura como linguagem, passemos para esse entendimento, amparados por Santaella (1996).

### **3 Arquitetura como signo e linguagem**

A arquitetura é um signo, um sistema de linguagem. Santaella (1996), a partir da teoria peirceana, estabelece que o produto arquitetônico é um sistema integrador de linguagens plurais e que o arquiteto é um construtor de signos.

O signo arquitetônico, para a mesma autora, tem uma natureza que o distingue de outros sistemas de signos. Ainda que tenha componentes comuns com as outras linguagens visuais, como as figuras geométricas, os sólidos, as relações de proporção, cor, linha, planos, texturas, o que diferencia essa linguagem das demais é sua função e seu uso social.

Produto da intervenção humana no ambiente físico, adaptado a necessidades humanas, a arquitetura “plastifica no espaço a articulação dos gestos humanos” (SANTAELLA, 1996, p. 133), ou seja, o que a torna peculiar em relação a outras formas de comunicação e produção de sentidos é o fato de que ela gera resultados sólidos, sempre relacionados à percepção humana e à interpretação que o homem tem do espaço.

A interpretação de um signo arquitetônico – neste artigo, focado na aparência externa da Catedral de Brasília – se dá nos três níveis alicerçados nas categorias, nas

relações que ele estabelece com seu fundamento, com seu objeto e os efeitos que pode provocar em uma mente.

Na relação com seu fundamento ou atributo, em um primeiro nível estão as qualidades dos aspectos externos da construção – as formas geométricas, cores, proporções, texturas. Enquanto a qualidade é o fundamento que rege essa primeira instância, estamos no nível dos qualissignos. Em um segundo nível, tomamos a construção como um existente. Todo existente provoca em um intérprete/usuário uma ação/reação. Ocupar um espaço/tempo específico torna existente a natureza de qualquer construção arquitetônica, nível comandado pelo sinsigno. Um terceiro nível estaria ligado às funções sociais e culturais, codificadas pelo uso e pelo hábito. Sendo codificados, submetem-se à lei, daí a classificação em legissignos. Toda padronização ou generalização de estilo se insere na seara do legissigno pelo caráter de lei a que se submete.

Na relação com o objeto, o signo se classifica em ícone, índice e símbolo. Como ícone, o signo se manifesta como uma leve sugestão ou alusão, uma mera possibilidade. Por estar aberto a interpretações, por suscitar relações de semelhança ou similitude com o objeto, este tipo de signo se abriga na primeiridade, categoria que tem na qualidade sua identidade. Vejamos o que diz Santaella (1985, p. 14) sobre o objeto que um ícone intenta representar:

O objeto do ícone [...] é sempre uma simples possibilidade, isto é, possibilidade do efeito de impressão que ele está apto a produzir ao excitar nosso sentido. Daí que, quanto mais alguma coisa a nós se apresenta na proeminência de seu caráter qualitativo, mais ela tenderá a esgarçar e roçar nossos sentidos.

Mas se o signo se conectar ao objeto de tal forma que seja parte dele, considerando-se que ele habita o universo de existentes, o índice terá lugar na classificação. Segundo Peirce, o índice

[...] se refere a seu objeto não tanto em virtude de uma similaridade ou analogia qualquer com ele, nem pelo fato de estar associado a caracteres gerais que esse objeto acontece ter, mas sim por estar numa conexão dinâmica (espacial inclusive) tanto com o objeto individual, por um lado, quanto, por outro lado, com os sentidos ou a memória da pessoa a quem serve de signo (CP 2.305).

Já o terceiro tipo de relação entre signo e objeto está atrelado à categoria da terceiridade. Nesta categoria estão os signos, segundo Santaella (1985, p. 14) ligados à “generalidade, infinitude, continuidade, difusão, crescimento e inteligência. Mas a mais simples ideia de terceiridade é aquela de um signo ou representação”. Inseridos nesta categoria estão os símbolos, signos que são de lei ou gerais. O objeto que ele representa é tão geral como ele próprio: uma ideia, um pensamento. A língua é por excelência um símbolo. A palavra “catedral”, por exemplo, representa não um objeto singular, mas todos os objetos que tenham as mesmas características, as mesmas funções e usos.

Ainda que na terceiridade entremos no território do signo genuíno, a semiótica de Peirce não traz na língua ou na linguagem verbal a base para as outras formas de linguagem. Linguagem, no entendimento de Peirce, se constitui de signos e, para ser signo nessa concepção, basta uma qualidade, um existente ou uma lei, isto é, esse conceito se amplia amparado na lógica e não no sistema linguístico.

Na relação com o interpretante, os modos como um intérprete – um passante, um turista, um curioso, um conhecedor da arquitetura – apreenderia um signo arquitetônico ou o efeito que tal signo pudesse provocar em sua mente: se emoção ou conjecturas; se ação/reação ou constatações; se reflexões que impliquem em conhecimentos mais aprofundados, apresentamos a seguir, tomando o objeto desse artigo como foco: a Catedral de Brasília.

#### **4 O signo Catedral de Brasília e seus possíveis efeitos**

O caráter de signo da catedral se fará apreender pela fotografia (Fig. 4) que a materializa. Tomada sob a condição de linguagem, buscamos tratá-la sob o viés da teoria apresentada.

A semiótica, como instrumental metodológico, permite-nos penetrar no processo de construção de sentidos da catedral, sob o ponto de vista da sua fachada, segundo a classificação dos signos ligada à qualidade; a aspectos do existir e àqueles pautados na lei ou convenção. Importa salientar que essas classificações não são estanques. Como o próprio movimento das categorias, o que ocupa a terceira posição nessa lógica, traz em si segundo e primeiro. Da mesma forma, o segundo traz o primeiro e este, por sua vez,

precisa estar materializado num existente para permitir sua apreensão efetiva em uma análise.

Começemos pelo signo existente, objeto do mundo real – a Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida, localizada no Distrito Federal, na Praça dos Três Poderes. Esse objeto que está fora do signo – objeto dinâmico – é tão amplo que abarca tudo o que pode dizer a respeito da catedral de Brasília, seja sua história, sua concepção, todas as técnicas e materiais utilizados na sua construção, a estética arquitetônica tanto na fachada quanto no seu interior, enfim, todas as informações sobre o local. Mas há o objeto dentro do signo, ou seja, o objeto tal como o signo nos apresenta, nos faz ver, que não é o objeto na sua inteireza, mas um recorte, uma faceta dele: o chamado objeto imediato.

**Figura 4** – Catedral Metropolitana de Brasília



Fonte: Divulgação.

Por exemplo, a fotografia (Fig. 4) nos mostra a catedral vista de determinado ângulo, mas não nos mostra os outros ângulos, nem sua parte interna, seus vitrais. Sua natureza de signo visual não é capaz de nos revelar os sons que vêm dali, dos cânticos, ou seja, essa incapacidade revela a incompletude que é própria do signo. Estando dentro do signo, o objeto imediato se confunde com o próprio signo e nos dá a ver que, sustentadas por um espelho d'água, erguem-se sucessivas linhas dispostas em círculo, que se curvam num mesmo ponto e se voltam para o céu. A transparência que as intercala resulta em formas triangulares. Este é o objeto imediato capturado pelo signo nas suas qualidades estruturais. Temos, assim, a classificação dos dois objetos, única classificação



nesta teoria que não se dá em tríade. Lembrando que o número três, que sustenta e constitui a lógica do pensamento de Peirce, se deve às suas três categorias fenomenológicas.

O interpretante dinâmico ou efeito que o signo efetivamente provoca em uma mente – emoção, ação/reação ou raciocínio lógico –, conforme apresentado no diagrama (Fig. 2), atua na leitura de um analista. Portanto, dele lançaremos mão.

Todo signo, segundo Peirce, nasce com capacidade para significar. A visão da Catedral de Brasília pode, num primeiro momento, gerar encantamento, estranhamento; pode provocar a entrada naquele local e pode trazer à mente de alguém o sagrado ou, ainda, reflexões sobre técnicas arquitetônicas arrojadas aplicadas naquele projeto arquitetônico. O signo/catedral carrega estas e outras possibilidades de significar, mas vai depender do momento em que o intérprete o vê e da experiência colateral (ou familiaridade com o objeto) que ele tenha. Um arquiteto pode ver a catedral de modo muito diferente do de uma pessoa religiosa, mas ambas as maneiras são possíveis, isto porque, no interpretante imediato, estão todas as possibilidades de um signo produzir significados. Estando ligado a possibilidades, o vínculo do interpretante imediato é com a primeiridade.

O segundo tipo de interpretante, o dinâmico, está alicerçado na secundidade. Esta é a categoria dos existentes que, como tais, agem e reagem. Não é outra a maneira como opera este segundo interpretante. É o único que realmente atua numa mente, podendo provocar três tipos de efeito: tanto uma emoção, uma ação/reação como um raciocínio mais elaborado sobre o signo. Isso vai depender da natureza do signo ou dos fundamentos que preponderam nele. Cada um desses efeitos dá origem a uma classificação do interpretante dinâmico, e novamente vemos a atuação das categorias nessa nova classificação. Atualizando algumas das possibilidades anteriormente elencadas, poderemos exemplificar suas classificações.

Um transeunte na Praça dos Três Poderes pode se deparar com a catedral e ficar em estado de encantamento com as formas inusitadas, a luz refletida na transparência, a leveza dada pela suspensão que o espelho d'água propicia. Essas qualidades que preponderam no signo, vão provocar nessa pessoa uma emoção, interpretante dinâmico emocional, portanto. Qualidades, atributos são próprios da primeiridade. Eis a presença das categorias novamente permeando as classificações.

Digamos que outro transeunte passe pela catedral e a identifique: “aqui está a Catedral de Brasília” e resolva entrar para conhecê-la. Nesse caso, o caráter de existente do signo foi o que predominou e levou tal pessoa a constatar a existência do monumento e agir sobre ele, entrando para uma visita. Esse efeito é próprio do interpretante dinâmico energético que, por sua vez, está inscrito na secundidade.

Um terceiro transeunte, um arquiteto, vê a catedral e se detém na construção dos alicerces, na sua sustentação e põe para funcionar seus conhecimentos sobre essas técnicas, pensa numa maneira de tornar mais leve, mais suspensa, menos rígida, pensa então no espelho d’água, no “pousar” da Catedral sobre o lago artificial, criando a sensação de leveza, apesar das toneladas do edifício. O mesmo signo, Catedral de Brasília, agora prepondera no seu caráter de lei. Lembramos que lei implica em uma generalização que se atualiza em particulares. No caso em questão, as leis que regem a arquitetura estão atuando na mente desse transeunte que já traz conhecimentos sobre a área e que pode levá-los adiante ao pensar sobre formas de implementar novas técnicas. Este é o interpretante dinâmico lógico e, por estar voltado a aspectos que envolvem generalidade, infinitude, continuidade, crescimento, inteligência, é sustentado pela terceiridade.

Para finalizar a classificação dos interpretantes, resta o interpretante final. Se os interpretantes pudessem esgotar todas as possibilidades de significar, o intérprete chegaria ao interpretante final. Mas isso não é possível, porque são inesgotáveis os sentidos. Segundo Drigo e Souza (2013, p. 26), “o interpretante final é o resultado interpretativo ao qual qualquer intérprete pode atingir se o signo for levado em conta de modo suficiente. No entanto, o termo final deve ser entendido como um limite ideal, logo inatingível”.

Enquanto analistas, nossa mente está em ação; portanto, é o interpretante dinâmico em suas três modalidades o que é posto em movimento.

No que diz respeito aos modos como o signo representa o objeto, focamos naquele aspecto que prepondera no signo: se a qualidade, se o aspecto existencial ou referencial e, por fim, se convencionais; isto é, se icônico, indicial ou simbólico.

O caráter criativo e inusitado da Catedral de Brasília sugere que estabeleçamos relações de comparação com coisas que conhecemos. A similaridade entre eles não implica em fidelidade entre as formas, mas mera insinuação: algo lembra uma outra coisa por alguma qualidade que tenham em comum. Quanto mais sugestivo, mais criativo, mais

icônico.

Na forma inusitada feita de concreto e vidro que se eleva aos céus, a ideia de suspensão, prolongamento lembra braços erguidos em prece (Fig. 5). Os dedos das mãos coladas pelos punhos são sugeridos pelas formas pontiagudas. Mãos/asas abertas em elevação. Também a cúpula sugere, para alguns, a própria coroa de Cristo. Sugere, ainda, um altar rodeado de fiéis em contemplação. São meras hipóteses ou conjeturas que as formas nos levam a deixar fluir a imaginação.

**Figura 5** – Painel dos aspectos de similaridade da torre



Fonte: Divulgação.

Quanto mais icônico um signo, mais possibilidades de semelhanças e comparações ele promove.

O vitral da Catedral, localizado entre os pilares de concreto, possui 16 Peças confeccionadas em vibra de vidro em tons de branco, azul, verde e marrom. Em formato de triângulo, cada módulo mede dez metros de base e trinta de altura, formando um conjunto de dois mil metros de vitrais. A semelhança dessas peças triangulares com o manto de Nossa Senhora Aparecida – padroeira do Brasil que dá nome à catedral – pode reiterar o caráter icônico (Fig. 6).

**Figura 6** – Aspectos de similaridade das peças triangulares do vitral



Fonte: Divulgação.

Contudo, para além da semelhança na aparência, esses aspectos qualitativos se revestem da simbologia cristã. Dos traços mais convencionais advindos da Antiguidade, sobretudo das catedrais e abadias, a monumentalidade se verifica nessa construção, mas ela traz à luz novas referências – a coroa do Cristo, o manto de Nossa Senhora Aparecida e ainda a Santíssima Trindade representada no formato triangular dos vitrais.

A repetição das formas triangulares das pilastras, a simetria, criam um ritmo que prolonga a sensação de continuidade, tanto na vertical, quanto na horizontal; é a sensação da elevação que se reitera em torno de um centro. Assim, a ideia de ascensão ao céu, união, partilha – valores caros ao Cristianismo – se concretiza nesse signo arquitetônico.

A modo de um poema concreto, que materializa em formas, sons, movimento o objeto a que se refere, a arquitetura da Catedral de Brasília se ergue como um signo icônico que, aos ressignificar os símbolos cristãos, reveste-se de elementos poéticos.

## **5 Considerações finais**

A arquitetura como linguagem foi contemplada nesse artigo, tendo a Catedral de Brasília como signo/objeto de análise.

Considerada a partir dos aspectos qualitativos, existenciais e simbólicos alicerçados pelas categorias de Charles S. Peirce, a obra de Niemayer em questão destaca-se como signo icônico que, fundado na similitude, é capaz de atualizar a tradicional arquitetura cristã.

É no ícone que podemos encontrar a possibilidade de pensar os processos que chamamos criação. Nele, a sugestão do objeto, mais que a manutenção dos referenciais arquitetônicos, cria novas simbologias. Sendo novas, seu poder de convenção fica esmaecido; contudo, conforme Drigo e Souza (2013, p. 162), “não há como fugir dos interpretantes que caminham, quem sabe, [...] na busca de formar novos hábitos permeados pelo estético”.

Assim, a preponderância das qualidades – qualissignos – impregna a arquitetura da Catedral de Brasília, rompe com a tradição e instaura a poesia nas suas formas.

## **Referências**

DRIGO, M. O.; SOUZA, L. C. P. **Aulas de semiótica peirceana**. São Paulo: Appris, 2013.

PEIRCE, C. S. **Collected Papers of Charles S. Peirce**, vols. 1-6, Hartshorne, C; Weiss, P. (Eds.); vols. 7-8, Burks, A.W. (Ed.), Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Press, 1931-58.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANTAELLA, Lúcia. **Produção de linguagem e ideologia**. São Paulo: Cortez, 1996.